



EDITORIAL

Nos últimos anos a convergência dos termos “Literatura” e “Memória” tem nos conduzido a uma série de debates que envolvem estas palavras sem serem limitados por elas, pois abrem caminhos para uma amplidão de visões e perspectivas. Nossa própria “Revista Igarapé” tem promovido publicações que abordem com frequência discussões sobre memória, literatura e cultura, educação e crítica literária, que, de algum modo, conduzem para estratégias de descolonização, citando como exemplo o texto do último número “Memórias vencedoras e esquecimentos fundadores: a estrada de ferro Madeira-Mamoré e o apagamento das outras narrativas de Porto Velho” de Mara G. C Nogueira, Elis S Oliveira e Maria A. A. Albuquerque, entre muitas outras publicações.

Neste novo dossiê, intitulado “Literatura, Memória e Mediação: entre palavras que formam mundos” organizado por nossas colegas professoras Dra. Maria de Fátima Castro de Oliveira Molina, Dra. Iza Reis Gomes e Dra. Patrícia Aparecida Beraldo Romano, foram selecionados quatorze textos que, de alguma forma, promovem o diálogo entre estética, educação e crítica literária, valorizando assim a literatura como lugar de formação sensível, reflexão cultural e “complexificação do real”. Os textos selecionados examinam como a literatura possibilita esta formação sensível do leitor. O primeiro texto, por exemplo, “Entre a palavra e o afeto, memória, dor e formação do sujeito em Vermelho” analisa a obra Vermelho Amargo, de Bartolomeu Campos de Queirós, a partir da articulação entre linguagem literária, memória afetiva e constituição subjetiva enquanto que o artigo “O encanto da tartaruga Manuelita, de María Elena Walsh: uma poética para crianças de qualquer idade” analisa a obra Manuelita, ¿dónde vas?, como uma expansão em prosa da famosa canção “Manuelita la tortuga”, explorando a história de Manuelita, uma tartaruga que viaja pelo mundo, não conhece nenhuma limitação. A terceira contribuição é de Larissa de Carvalho Costa e Ilsa do Carmo Vieira Goular que tem por título “Mediação de práticas de leitura literária na educação infantil: uma perspectiva dialógica” que promove discussão sobre ações de mediação docente em atividades de leitura literária na educação infantil. O texto seguinte, “Letramento literário, sensibilidade estética e memória ancestral: a poesia indígena na formação leitora de crianças do ensino fundamental” contribui de Patrícia Barros Soares Batista, Desirée K. R. Oliveira e Letícia L. Ferreira oferece-nos importantes reflexões sobre o processo de letramento literário visando a formação de leitores(as) críticos(as) e sensíveis a partir da produção poética protagonizada por indígenas

endereçada às infâncias. A seguir somos brindados com o texto de Márcia Dias dos Santos e Eva Cristina Rodrigues Ramos intitulado “O livro-imagem e a função narrativa das cores” na obra história de amor de Regina C. Rennó que investiga de que modo as cores atuam como recursos cromáticos nas construções das personagens e suas emoções, quais cores aparecem no conto e como elas conduzem a emoções e sensações diferentes. “O espaço como memória e clausura em vermelho amargo de Bartolomeu Campos de Queirós” é a contribuição de Joaquim Gonzaga Nunes, Josiane Brolo e Marileuza D. Carvalho, que examinam conceitos que permitem compreender as articulações entre essas categorias com base nas falas do narrador e da própria obra, “entendida como espaço de linguagem, isto é, como ambiente e ambiência, em que o autor reflete sobre suas memórias”. A discussão sobre como aspectos gráficos contribuem para a construção narrativa da obra *A Parte que Falta*, de Shel Silverstein (1976) está presente no texto “Quando a forma conta a história: projeto gráfico e construção de sentido em a parte que falta” de Shel Silverstein (1976). Um texto interessante que discute a relação entre memória e espaço na obra *Vermelho amargo* (2017). O texto Solange Viaro Padilha, “Reconfigurações do espaço doméstico em vermelho amargo: corpo, memória e experiência topofóbica” promove inspiradora discussão sobre espaço e literatura, articulando fenomenologia do espaço e geografia humanista para examinar as representações do espaço doméstico no romance *Vermelho amargo*, de Bartolomeu Campos de Queirós.

Outro texto que explora a memória na literatura é “vermelho amargo: memória, sensações e formação subjetiva na poética da perda de Bartolomeu Campos de Queirós” de Tuane Santos Aragão e Fernanda Oliveira de Souza Simões. Os autores mostram como a obra *Vermelho Amargo* (2011), de Bartolomeu Campos de Queirós, “articula memória, sensações, linguagem e formação do sujeito a partir da experiência da perda materna “procurando compreender de que modo a simbologia da cor vermelha, os elementos sensoriais e a fragmentação narrativa constituem “uma poética da dor e da reconstrução subjetiva.” Uma discussão, um pouco diferente, temos no artigo “Yoté: reflexões sobre prática de letramento racial em uma escola de floresta” que trata de reflexões acerca de uma prática de letramento racial realizada no contexto de uma escola de floresta, a acreana, durante um trabalho docente realizado pela pesquisadora na condição de professora regente no Ensino Fundamental 2. O texto seguinte apresenta uma importante discussão sobre um conto de fada moderno sul-coreano de Jo Yong, ilustrado por Jam San: “Em busca da feição real (Finding the real face)”. Com o título “Em busca da feição real: paratextos e texto verbo-visual na construção narrativa de um conto de fada moderno sul-coreano”, as autoras Jocília Oliveira da Silva e Graça Maria Teixeira da Silva sugerem que é

possível perceber o caráter dialógico do livro ilustrado, no qual texto e imagem estabelecem relações de complementaridade, tensão e ampliação de sentidos. Narrativa infantil e juvenil “O voo do golfinho: estratégias para a formação de leitores literários no 2º ano do ensino médio” discute os resultados de estratégia de letramento literário usadas para a leitura da obra do angolano Odjaki, *O Voo do golfinho*, com ilustração de Danuta Wojciechowska. A seguir temos o artigo “Os espaços da casa em vermelho amargo: exílio memorial da dor”, contribuição de Maria de Fátima Castro de Oliveira Molina, Maria Clara Rodrigues de Resende e Damaris Lucena da Silva que analisam a configuração do espaço doméstico da casa na obra *Vermelho amargo* (2017), de Bartolomeu Campos de Queirós. Por fim, temos o texto de Maria Ester Pereira Soares e Daniela Maria Segabinazi que oferecem uma reflexão sobre a poesia juvenil e suas rupturas com a tradição, analisando a poesia juvenil a partir da percepção da forma que o projeto gráfico. Em seu artigo “Poesia juvenil e projeto gráfico: uma análise a partir da obra cotidiano, paixões & outro flashes: de Haiquases”, as autoras argumentam que projeto gráfico contribui para a construção de sentidos na obra *Cotidiano, paixões & outros flashes: Haiquases* de Luís Dill e Silvana de Menezes.

Estamos felizes em poder apresentar este dossiê e agradecemos às organizadoras bem como a todos que colaboraram para podermos apresentar estes textos aos leitores. Estas reflexões aqui apresentadas são relevantes para discussões sobre literatura infantil, formação de leitores, e o diálogo importante entre estética, educação e formação crítica literária. Agradecemos também aos leitores e a todos que levam a Igarapé para sala de aula, para seus grupos de pesquisa e para todos os ambientes acadêmicos.

EQUIPE EDITORIAL

Miguel Nenevé

Larissa Gotti Pissinatti

Iluska Lobo Braga

Eulisson Nogueira de Sousa

Wellington Marçal de Carvalho